



# A REVOLUÇÃO DO TARÔ NO BRASIL

Entrevista com o tarólogo e astrólogo  
Nei Naiff

1) Você lançou recentemente um livro (Tarô, Ocultismo e Modernidade), mas antes de falarmos dele vamos a uma pergunta básica: o que é o tarô?

Resp.: O tarô é um conjunto de 78 cartas com simbologia específica que denominamos de "arcano" (segredo, mistério). Ele está dividido em dois grupos: 22 arcanos maiores que simbolizam as potencialidades de nosso livre arbítrio e/ou destino e 56 arcanos menores que representam os resultados concretos dessas tendências. Os arcanos maiores se reportam ao mundo das idéias e os menores ao das formas. O tarô pode ser estudado de várias maneiras — oráculo, autoconhecimento, meditação — e todas ensinam ao homem a responsabilidade de sua vida material e espiritual, condutas e diretrizes a serem tomadas para uma vida melhor; nestes pontos, creio que todas as artes esotéricas têm o mesmo princípio. A grande diferença na prática do tarô e da astrologia concerne em que a astrologia interpreta as tendências da vida, independente do ser humano aceitar ou não tais fatos. Quantas vezes observamos trânsitos astrológicos fantásticos no mapa natal de uma pessoa e ela se encontra tão deprimida que não consegue aproveitá-lo? Com o tarô a análise é oposta: ele interpreta o estado atual do ser humano, o que ele pode ou não fazer naquele momento, independente do trânsito estar bom ou mal, porque numa consulta de tarô está implícito o histórico vivido e o projetado. Assim temos uma diferença básica: o tarô analisa o aspecto humano do "estar" e a astrologia o do "ser"; um é a visão a partir do microcosmo (homem) e o outro do macrocosmo (destino). Se observado sob o ponto de vista divinatório, cada carta representa um estágio de uma determinada situação, esclarecendo sua vivência e/ou trajetória boa ou má. Contudo, o tarô também pode ser usado para jogos de lazer (jogatina, semelhante ao buraco ou pôquer), como é feito na Europa desde o século 14 até os dias atuais.

2) Como assim? O tarô não é só para adivinhação??



Nei Naiff na Grécia

Resp.: Para o brasileiro, sim. Eu acredito que a maioria dos tarólogos pensam que o tarô é algo totalmente espiritual; mas para o europeu ou o americano, não. Os jogos lúdicos e divinatórios coexistiram durante séculos, por isso na Europa e Estados Unidos se diz "cartas de jogar" (*cards to play*) ou "cartas de adivinhar" (*cards to read*); porque com o mesmo tarô (78 cartas) pode-se usar para as duas formas, além do tradicional baralho comum. Em todo caso, o que observei no exterior é que quem joga o tarô de forma lúdica não o faz para a adivinhação e vice-versa; seria como um cético e um esotérico utilizando o mesmo instrumento de formas diferentes; acho que aqui não seria diferente se soubéssemos jogar de forma lúdica.

3) Você disse que desde o século 14 os europeus utilizam as cartas. Mas não eram proibidos os jogos de tarô?

Resp.: É interessante como vamos acreditando no que nos dizem ou no que lemos eventualmente; eu mesmo, até oito anos atrás, acreditava nisso

— que o tarô era uma arte proibida pela Santa Inquisição e escondido nos porões das bibliotecas — e isto se encontra absolutamente errado! Como podia estar escondido se havia tributação fiscal em toda Europa para a sua produção e impressão desde 1583 até 1945? Como podia ser proibido se houve o controle estatal do governo espanhol, português e francês sob a produção de cartas de tarô entre 1583 a 1811? Sem contar a profissão de artesão de cartas de tarô que foi oficializada em 1455 na Espanha e Itália, depois em 1594 na França, até os dias atuais. Um dos fatos mais interessantes que descobri foi que em 1751 o rei da França, Luiz XV, ordenou que todas as taxas municipais do território e das colônias francesas provenientes do tarô fossem aplicadas diretamente no fundo da Academia Militar para seu armamento. Bem, com tudo isso, como posso ainda crer na idéia mística e romântica sobre sua proibição? Esta é uma das questões mais polêmicas que descrevo no livro — com farta documentação comprobatória, fatos e lugares — juntamente com a pseudo origem egípcia e hebraica e de que forma elas se impregnaram no imaginário popular.

4) Então o tarô era altamente consumido e jogado nesse período?

Resp.: Sim, a história registrada é oposta ao que se diz. O tarô estava tão impregnado na cultura européia que encontramos pinturas de parede (afrescos) de nobres jogando o tarô em muitos castelos italianos; também há óperas, poemas e romances sobre os significados das cartas ou de jogos lúdicos, enfim, tudo o que se possa produzir artisticamente. Alguns tarôs eram tão valiosos por serem pintados a mão, que constavam em heranças de famílias; um desses trabalhos está exposto na Biblioteca Pierpont Morgan, em Nova Iorque — o tarô de Visconti-Sforza, que foi pintado para celebrar o casamento de Francesco Sforza e Maria Bianca Visconti, em 1441. Fechando a questão da Santa Inquisição e, mais uma vez, deixando claro que o tarô não era um jogo socialmente proibido, vale salientar que as



• 5 • UNIVERSUS - O JORNAL DO AMANHÃ UNIVERSUS - O JORNAL DO AMANHÃ UNIVERSUS

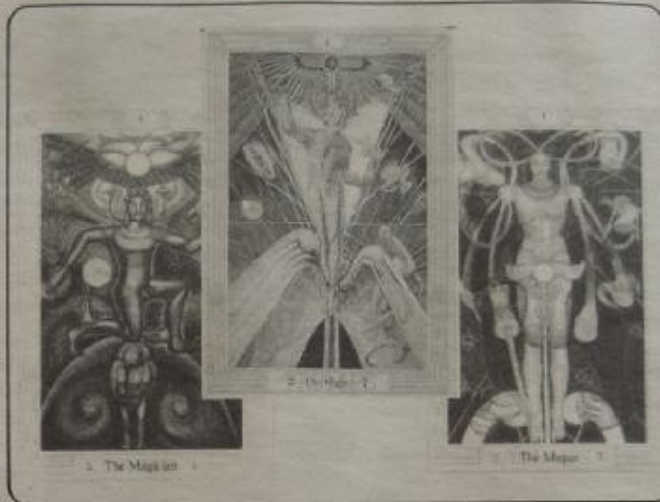
famílias Sforza e Visconti eram as que tinham o maior número de clérigos no norte da Itália, em Milão.

5) Por que você não levou isto a público antes?

Resp.: Entre os meus alunos dos cursos regulares todos sabem o que é o tarô e sua real dimensão histórica ou simbólica; às vezes, em alguma palestra quando percebo que há pessoas inteligentes ou com a mente aberta para o avanço dos estudos do tarô, eu menciono algo que observei em algum museu ou que tenha estudado em obras estrangeiras; porém, quando percebo pessoas com idéias rígidas sobre o que aprenderam, eu prefiro me calar para evitar uma discussão inútil; contudo, para o público em geral eu desejava terminar a trilogia sobre os estudos completos de tarô para poder expor meu conhecimento adquirido em minhas pesquisas, estudos e o que tenho conseguido com minha experiência prática em mais de 5.000 consultas e 1.100 alunos ao longo desses dez anos. O primeiro livro da trilogia — Tarô, Ocultismo e Modernidade —, lançado pela Editora Elevação na 16ª Bienal Internacional do Livro em São Paulo, está sendo considerada a maior obra já escrita em nossa língua sobre a estrutura e origens do tarô. O livro revela todos os modernos conceitos simbólicos e filosóficos dos arcanos, inclusive a história do tarô no Brasil.

6) A história do tarô no Brasil? Poderia esclarecer?

Resp.: Sim, é a primeira vez que algo é publicado a respeito — quando começou, de que forma foi introduzido o tarô em nosso país —, por exemplo: o Tarô Adivinhatório foi o primeiro conjunto de cartas publicado no Brasil, em 1949, pela editora Pensamento e, o segundo, foi o Tarô de Marselha, em 1974, editado pela Revista Planeta. Tive muita dificuldade em levantar nomes e datas, então preferi apenas relatar o que foi publicado ou noticiado na mídia; também, neste capítulo do livro esclareço quem foram os tarólogos que lutaram em prol do tarô. No livro consta uma ordem cronológica de publicações de autores brasileiros até 1998; este capítulo, História do Tarô no Brasil, é aberto, pois a cada revisão possível estarei incluindo novas obras publicadas e novas descobertas ou algo que não chegou ao meu conhecimento. Quem sabe alguém não se motiva a descobrir novos dados históricos para que eu possa incluir numa próxima edição?



7) Retomando ao aspecto polêmico que você mencionou anteriormente, todos dizem que o tarô surgiu no Egito e você está informando no livro que não?

Resp.: Sim, todos os brasileiros dizem, mas todos os americanos e europeus; o livro é um resultado de anos de pesquisa, contatos com tarólogos de outros países e viagens minhas ao exterior em museus e bibliotecas. Não estou apenas dizendo que o tarô não veio do Egito, estou argumentado com fatos e registros históricos, vai da coerência de cada estudante em acreditar ou não em documentos e fatos da história. Eu sou um dos maiores defensores do estudo do tarô; para mim, seria maravilhoso se tudo fosse verdadeiro, mas à medida que avançava nas pesquisas mais frustrado eu ficava, pois não encontrava nada do que é noticiado no Brasil sobre sua origem. Contudo, este pensamento não é exclusivo meu, pois entre os tarólogos do exterior isto já é um fato e está sendo fartamente discutido; esta é uma das razões que meu livro se torna revolucionário no Brasil, eu coloco ao público aspectos que ainda não foram publicados ou noticiados por aqui. O ponto chave do descrédito ocorreu nas pesquisas da vida e obra do francês Antoine Court de Gebelin (1725/84) que foi o primeiro a ditar a origem egípcia do tarô. Gebelin era pastor da Igreja Reformada e professor de mitologia; embora se autodenominasse maçom, não foi através de documentos ocultos que ele revelou as origens do tarô, mas foi a partir de uma única e simples visita de quinze minutos a uma cartomante!! Gebelin acreditava existir uma língua primeva que dera origem a todas as outras

línguas do mundo e no momento em que conheceu o tarô (com simbologia similar ao de Marselha) declarou imediatamente serem as chaves dos hieróglifos egípcios e da língua primeva. Foi um alvoroço na Europa, pois há séculos tentavam decifrar a escrita egípcia; assim, ele revelou a história que conhecemos sobre a preservação da ciência egípcia através de jogos de cartas. Todos os historiadores e arqueólogos queriam ouvi-lo falar e clamavam por sua obra, Gebelin palestrava aos homens da ciência, não aos esotéricos. Durante vinte anos escreveu os nove volumes de "Le mond primitif..." fazendo várias

traduções de centenas de manuscritos egípcios; ele até traduziu a palavra "tarot" (tar=caminho, ot=real; estrada real da vida). Gebelin morreu rico e feliz em 1784 com o reconhecimento da ciência, dos esotéricos e da sociedade que terminou por associar o tarô aos ciganos. Em 1820 Jean Baptiste Champollion descobriu a verdadeira chave da escrita egípcia através da Pedra de Roseta e tudo o que Antoine Court de Gebelin escreveu foi para o lixo e sempre foi lembrado como um embusteiro! Todas as traduções estavam erradas, inclusive a palavra "tarot" que não existe na etimologia egípcia — tarde demais, os esotéricos e o imaginário popular já haviam comprado a romântica idéia e tudo foi uma bola de neve em compilações até hoje. Vejamos: todos os livros escritos por Eteilla (1782), Julia Orsini (1800), M. Le Normand (1810) e Eliphas Lévi (1854) se basearam na obra de Gebelin, que por sua vez foram a base para as obras de Oswald Wirth (1888) e Papus (1889); todos os anteriores foram a base para obras de Mac Gregor (1889) e Arthur Waite (1910) que foram bases para de Paul Case (1927) e Aleister Crowley (1944). Observou a cadeia "hereditária dessa situação precária"? Aliás, todos os tarólogos, escritores e editores até o início da década de 80 o fizeram; somente a partir da obra do americano Stuart Kaplan (Enciclopédia do Tarô, 1978), esse conceito mudou no exterior, embora o francês Paul Marteau (1935), a americana Gertrudes Moakley (1969) e o espanhol Albert Coustif (1975) já tivessem criticado as origens.

(continua na página seguinte)



UNIVERSUS - O JORNAL DO AMANHÃ UNIVERSUS - O JORNAL DO AMANHÃ • 6 •

(continuação)

8) Vamos falar mais um pouco da obra, podia nos explicar melhor como surgiu?  
Resp.: Quando comecei a escrever, em 1992, era para ser apenas um livro, mas à medida que fui viajando para o exterior trazia cada vez mais material de estudo e, cada vez mais, distanciava-me do que os brasileiros falavam; mas mesmo assim não me considerava pronto para explicar coerentemente sobre o que havia descoberto, necessitava elaborar melhor os novos conceitos sobre o tarô. Só para se ter uma idéia — hoje temos uma média de 120 títulos sobre o tarô sendo oferecidos nos catálogos das editoras brasileiras contra uma média de 1.100 títulos nos Estados Unidos e 800 na Europa; da mesma forma que temos 15 tipos de cartas de tarôs publicadas contra 500 nos Estados Unidos e 300 na Europa. Assim, pelo volume de informações inovadoras que possuo, eu resolvi dividir a obra em três volumes — um sobre tarologia (estrutura simbólica, história e autoconhecimento) e dois sobre taromancia (oráculo, conselhos, jogos e estudos avançados); com as informações contidas neles podemos ter um nivelamento com os outros países e avançarmos mais profundamente no tarô.



9) Então, o brasileiro não conhece o tarô? Está lendo errado?  
Resp.: Não! Claro que conhece e lê corretamente! Mas vamos separar o estudo da prática, vamos entender que assim como na astrologia ou qualquer outro segmento sempre surgem novas dimensões de análise e com o tarô não seria diferente. O que se falava da astrologia há vinte anos atrás, não é o que se fala atualmente, mas nem por isso se interpretava um mapa errado, não é verdade? O tarólogo tende sempre a interpretar corretamente, mesmo com poucas palavras ou pouco conhecimento; porém, a medida em que se tem mais informações sobre o tarô melhor será sua leitura, mais segurança e rapidez terá em sua interpretação, mais clara e objetiva se tornará a consulta para o cliente. Assim, o que ofereço em minha obra são melhorias de conceituações, novas diretrizes para facilitar o estudo, diferentes perspectivas de análise, maior conscientização do que é o tarô e o que podemos extrair dele. Tudo na vida é mutável. Sei que existem tarólogos progressistas por aqui, mas a maioria, devido à escassez de informação, combinado à falta de tempo para leituras e pesquisas, termina por necrosar o conhecimento; contudo, eles não têm nenhuma culpa neste processo, afinal, baseiam-se naquilo que existe no mercado editorial. Se analisarmos os 120 livros de tarô que temos editado no Brasil verificaremos que a metade são de livros estrangeiros escritos entre 1900 e 1970, poucos são da década de 80 e raros os de 90; a maioria dos livros escritos por autores brasileiros são compilações dessas obras, o que gerou o círculo vicioso de informações.

10) Finalizando nossa entrevista, que tarô você usa ou explica em seu livro?

Resp.: Estava demorando para ouvir esta questão; antes de responder vou esclarecer um ponto crucial — nunca se estudou, discutiu, escreveu e produziu tanto sobre o tarô como no século 20 e, especificamente, nos Estados Unidos; seguido de longe pela Espanha, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Suíça, respectivamente. Todas as obras que estudamos no Brasil são americanas, raras as européias e, mesmo na Europa, atualmente, lêem-se mais os tratados americanos do que os produzidos por lá. Sou membro da Sociedade Internacional do Tarô (Morton Grove, USA) que produz há três anos congressos internacionais sobre o tarô, reunindo os melhores autores e pesquisadores; também sou membro da Associação Americana de Tarô (Stonehan, USA) e da Federação Francesa de Tarô (Paris, França). Já existe um consenso nos Estados Unidos, quase total na Europa e muito pouco no Brasil de que os diferentes tipos de tarôs produzidos são oriundos de uma única estrutura simbólica — temos várias formas de se aprender o tarô, mas tarô é tarô; os atributos do Mago, Eremita, Sol ou de qualquer outro

arcano será igual em qualquer tarô; podemos ter um aspecto visual diferente, mas o valor simbólico é sempre igual — este é um dos conceitos inovadores que trago para o tarólogo brasileiro em minha obra, revelo uma coesão de pensamento, não a fragmentação de idéias ou do que se aprendeu. Pela minha prática nesses dez anos de instrução observei que uma pessoa que aprende somente o tarô mitológico, o egípcio, o de Crowley, o de Marselha ou qualquer outro específico não consegue desenvolver leituras em outros tarôs, ficam limitadas a um único simbolismo e linguagem pensando que tem que fazer um curso de cada tipo de tarô. As cartas de tarô e a forma de estudo são uma questão de gosto ou crença pessoal, não de melhor intuição, sintonia espiritual ou mais atual. Depois que adotei esses conceitos em minhas aulas, desde 1993, passei a ensinar a estrutura simbólica do tarô que permite ao aluno jogar e entender qualquer tipo de carta, identificar o que é ou não um verdadeiro tarô, porque um determinado autor incluiu um símbolo supostamente diferente no arcano ou o explicou de forma não usual. Enfim, não deixo meus alunos limitados a uma única expressão simbólica; abro suas mente para o universo incomensurável da simbologia dos arcanos.

*Nei Naiff é autor do livro Tarô, Ocultismo e Modernidade, Editora Elevação; tarólogo, astrólogo - SINARJ 271, editor do Jornal Web de Tarô, escritor - SEERJ 2126 e estará no Ciclo de Palestras promovido pelo Astro\*Timing. Veja pág. 2*